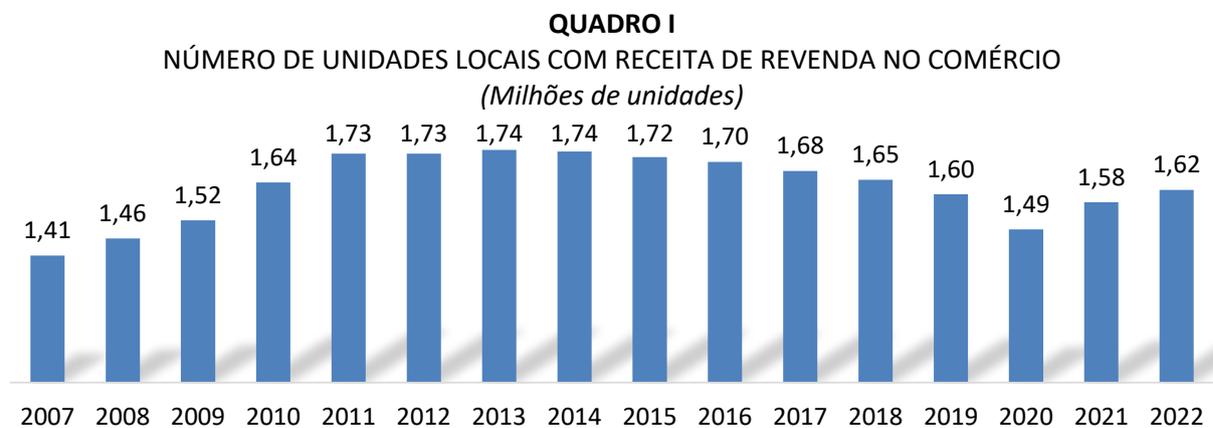


CENSO DO COMÉRCIO REVELA REESTRUTURAÇÃO DO SETOR APÓS A PANDEMIA

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, nesta quinta-feira (25/08), a Pesquisa Anual de Comércio (PAC) referente ao ano de 2022. Embora este seja um retrato relativamente defasado da realidade atual vivida pelo setor, as variáveis investigadas pelo instituto revelaram mudanças estruturais relevantes sobre um período marcante do comércio brasileiro.

Castigado pela recessão de 2015-16 e, principalmente, pela crise sanitária iniciada em março de 2020, já naquele ano, o comércio e suas subdivisões acusaram perda significativa de pontos de venda. Ao fim de 2020, havia 112 mil empresas a menos em operação no setor – uma queda de 7% em relação à quantidade de empresas ativas ao fim de 2020.



Fonte: IBGE

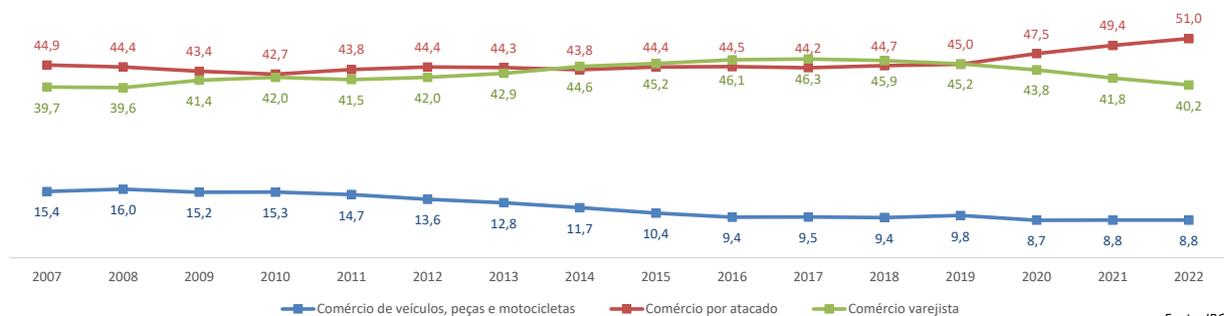
A maior perda relativa de pontos de atendimento se deu no comércio varejista, cujos pontos de venda encolheram 8,7% em apenas um ano. Em seguida, veio a quantidade de fechamentos líquidos no setor automotivo, cujos pontos de venda de veículos e autopeças encolheram 8,5%. Na contramão desse fenômeno, o comércio atacadista registrou expansão de 3,1% estabelecimentos com 7.014 novas unidades.

Já em 2022, o comércio restabeleceu a quantidade de unidades locais de revenda aos níveis observados em 2019 com 1,62 milhão de estabelecimentos, segundo o IBGE. Tal avanço derivou do nascimento de empresas atacadistas, cuja quantidade de lojas já era 17,7% maior que em 2019 – o equivalente a 40,1 mil novas lojas. Tanto o varejo (-24,7 mil lojas) quanto o comércio automotivo (-1,4 mil lojas) ainda não haviam retomado o número de postos de venda observado três anos antes.

As restrições operacionais impostas pela pandemia aos estabelecimentos físicos estimularam a abertura de lojas virtuais. Segundo a própria pesquisa do IBGE, a quantidade de empresas com receitas advindas exclusivamente das vendas on-line avançou 79,2% entre 2019 e 2022. No mesmo período, o faturamento nominal do e-commerce brasileiro cresceu 225%.

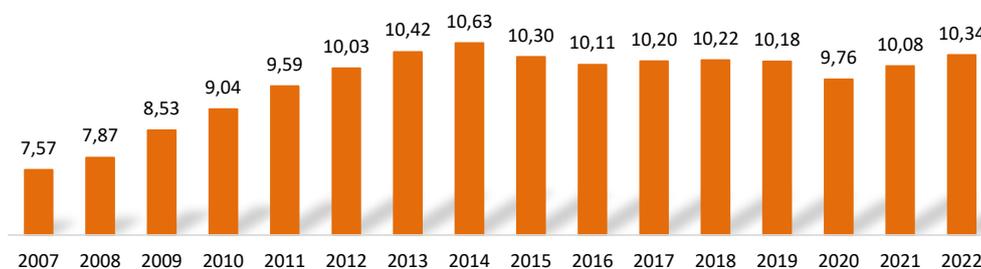
Além da digitalização do consumo, um outro fenômeno marcante dos últimos anos foi o fortalecimento do atacarejo – modalidade caracterizada pela diferenciação de preços mediante compras em maior quantidade e pelo autoatendimento por parte do consumidor final. Embora a receita operacional líquida tenha avançado, em média, 68% entre 2019 e 2022, no comércio atacadista o crescimento experimentado em apenas três anos foi de 90,5%. Pela primeira vez desde o início da pesquisa em 2007, as vendas no atacado se tornaram a modalidade predominante no comércio brasileiro.

QUADRO II
COMPOSIÇÃO DA RECEITA OPERACIONAL LÍQUIDA, SEGUNDO DIVISÕES DO COMÉRCIO
(% do total)



Diante da recuperação das vendas e da vocação empregadora do comércio, a reação dos empregos no setor também se consolidou em 2022. O comércio encerrou 2022 contabilizando 10,34 milhões de trabalhadores formalmente ocupados – maior patamar desde 2014 (10,63 milhões). Assim como na quantidade de estabelecimentos, após uma perda significativa provocada pela pandemia em 2020 (-4,2%) – a empregabilidade no setor assumiu tendência de recuperação nos anos subsequentes, destacando-se, novamente, a abertura de postos de trabalho no comércio atacadista (+11,8% ou 200,1 mil postos).

QUADRO III
PESSOAL OCUPADO NO COMÉRCIO
(Milhões de pessoas)



Fonte: IBGE

Além da recuperação das vagas, o comércio alcançou outra marca importante, especialmente, para os trabalhadores do setor. Pela primeira vez desde o início dos levantamentos em 2007, a remuneração média mensal alcançou dois salários mínimos por mês, indicando ganhos reais em relação à inflação, uma vez que o salário médio mensal cresceu 246% em 15 anos contra um avanço de 148% da inflação no mesmo período.

QUADRO IV
REMUNERAÇÃO MÉDIA MENSAL NO COMÉRCIO E SUAS DIVISÕES
(Salários Mínimos)

